

Do macacão da horda ao macaquinho de circo:

o Pai "Tá pagando mico"?

Fernanda Canavêz

Preparando o terreno...

O presente trabalho objetiva problematizar a temática do laço social na contemporaneidade. Há considerável produção acerca de formas de padecimento psíquico contemporâneas que, por sua vez, erigem-se como um desafio para a clínica, assim como debates sobre configurações subjetivas que se apresentam como peculiares da clínica contemporânea **1**. Apesar da multiplicidade de teses sobre o tema, destaca-se o fato de se trazer à baila a questão da falência da autoridade simbólica como fator intrinsecamente relacionado às modalidades de mal-estar contemporâneas. Com efeito, a noção freudiana de sintoma referida a uma impossibilidade assegurada pela autoridade simbólica sofre abalos, assim como a concepção de universalidade que lhe é inerente. As subjetividades contemporâneas, ao contrário, revelam uma forte tendência à liberdade irrestrita e carência de renúncias. Como assegurar um convívio tolerável frente à tamanha liberdade dos indivíduos tendo como pano de fundo a obra freudiana, que exalta a renúncia como valor maior, permanece um desafio.

Por laço social entenderemos o espaço habitado pelo sujeito com os seus pares **2**, isto é, a trama de relações estabelecidas por este e o modo pelo qual se remete aos demais. Como metodologia, utilizar-se-ão trechos de músicas populares brasileiras de grande repercussão para circunscrever a questão à luz da psicanálise e de teóricos contemporâneos que se ocupam de assuntos pertinentes para o tema em pauta.

O mal-estar do sujeito freudiano

Sabe-se que Freud não utiliza o termo sujeito, entretanto é irrefutável que seja possível depreender de sua trama conceitual a noção de sujeito, daquele que não é uno, indiviso, mas cindido. O sujeito freudiano é marcado pelo conflito, pela imperativa luta entre o seu desejo e um contra-desejo, a proibição contra o desejo. O conflito entre exigências antagônicas traduz-se pelos diferentes modos de funcionamento do aparato psíquico.

O recalque estrutura a subjetividade dividindo vida ideativa consciente e inconsciente. Aquilo que fora recalçado é insuportável para o julgamento crítico, mas se esforça por encontrar expressão na consciência. Para esta

tarefa é indispensável que seu conteúdo seja distorcido, pela censura, para que não se torne evidente para o sujeito. Trata-se de uma formação de compromisso, que de um lado está de acordo com as normas sociais e, por outro lado, funciona como uma "válvula de escape", permitindo uma parcela de satisfação que foi renunciada a partir do recalque. Isso permite ao sujeito conviver com seus pares, assim como lhe oferece uma satisfação parcial.

A oposição entre as exigências pulsionais do sujeito e aquelas impostas pela civilização foi abordada por Freud em *O Mal-estar na Civilização* (1929), onde o sofrimento decorrente dos relacionamentos é apontado como o mais penoso. Para viver em sociedade o homem deve restringir suas possibilidades de satisfação, recorrendo às satisfações substitutivas - que lhe oferecem apenas uma parcela da satisfação almejada. Da mesma maneira, a agressividade que outrora fora voltada contra uma autoridade que não permitia a satisfação dos desejos incestuosos, é agora voltada contra o indivíduo, introjetada no ego. A referida inclinação para a agressão perturba os relacionamentos e deve sofrer sanções para que a vida em grupo seja viável. É, dessa forma, assumida pelo superego que castiga o ego. O sujeito padece então de um sentimento de culpa, apontado por Freud como o problema de maior importância para o desenvolvimento da civilização. A culpa que preconiza uma exigência de punição é também importante para a manutenção das organizações sociais. O modelo de sujeito, assim como o de laços entre os seres humanos - ainda que não seja possível encontrar em Freud um conceito propriamente dito de laço social -, remete-nos a um desejo incestuoso e sua proibição e, é claro, à culpa advinda desse desejo.

Em *Totem e Tabu* (1913) Freud discorre sobre a origem da sociedade, recorrendo ao mito da horda primitiva. A horda patriarcal tem seu fim com o assassinato do pai primevo pelos irmãos que não podiam usufruir dos benefícios dos quais este dispunha, tendo todas as fêmeas para si. O pai da horda primitiva era um entrave à satisfação dos desejos. No entanto, uma vez morto o pai ainda se fazia presente pelo sentimento de culpa daqueles que o assassinaram. Ademais, nenhum filho poderia assumir o lugar do pai por receio de que o mesmo pudesse lhe acontecer. Dessa maneira, os irmãos renunciaram às benesses que objetivavam ao cometer o assassinato para que a organização não entrasse em guerra e um mínimo de ordem social fosse assegurada. Ainda que rivais, os irmãos renunciaram às mulheres desejadas, uma vez que "Os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem" (FREUD, 1913, p.172). Estabelecia-se assim uma organização social, cujos alicerces eram a culpa e as proibições necessárias ao convívio social. Depreende-se então que, conforme o mito da horda primitiva, a cultura se funda na submissão à autoridade simbólica. Trata-se do modelo edípico de sujeito: a idéia de laço social conserva a noção de uma limitação a partir de um impossível (HERZOG, 2004).

Resta-nos indagar que implicações decorrem de uma cultura para além daquela recalcante descrita e, em certa medida, denunciada por Freud. A agressividade dirigida a princípio para fora, que em 1929 é evocada por Freud como um problema para a civilização, é introjetada no superego - dirigida ao sujeito - permitindo uma vida mais harmônica. Os homens não são "criaturas

gentis", mas a interiorização da autoridade simbólica, assim como da agressividade que antes lhe fora dirigida, exige a renúncia pulsional que assegura a ordem social. A sociedade pós-moderna, aponta Bauman:

"nos traz de volta à triste verdade do mundo darwiniano: é o mais apto que invariavelmente sobrevive. Ou melhor, a sobrevivência é a derradeira prova de aptidão (...) este é um mundo duro, feito para pessoas duras: um mundo de indivíduos relegados a se basearem unicamente em seus próprios ardis, tentando ultrapassar e superar uns aos outros" (2003, p. 110).

Mas como os homens vivem "em seus próprios ardis"? Como a suposta dureza apontada por Bauman se manifesta na nossa sociedade?

"Malandro é malandro e mané é mané" 3

Para problematizar a temática do laço social na contemporaneidade, utilizar-se-á o exemplo da sociedade brasileira, a partir de estudos que se ocupam desse objeto.

Zaluar (2000) faz uma importante constatação ao pesquisar moradores da favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, na década de 80: **4**

"(...) tudo indica que estamos diante de um quadro de crise moral e social, na qual os hábitos, padrões e modelos tradicionais desmoronam e novas idéias e valores competem entre si sem que se chegue próximo a qualquer consenso e sem que se veja sinais de direção da sociedade" (pág. 51).

Mas que tradicionalismo é este que a autora diz estar desmoronando? A título de exemplificação pode-se utilizar a figura do malandro, contrapondo-a a do bandido. Nos relatos colhidos, Zaluar aponta a diferenciação feita entre as duas. O bandido é criticado por se opor à imagem do trabalhador. Trata-se daquele que não gosta de trabalhar, que se utiliza de atividades ilícitas para obter sua renda. Entretanto, também o malandro não gosta de trabalhar, mas este sim, é idealizado nos referidos relatos.

Chama-se malandro aquela figura tão comum nos anos setenta que atualmente está praticamente "extinta". Os malandros viviam a boemia carioca, em especial na Lapa, preocupavam-se com o figurino, eram verdadeiros amantes sedutores e para se defender lutavam capoeira. Tratavam bem as mulheres e os demais, preocupavam-se em manter o respeito acima de tudo. Já os bandidos são covardes, não demonstram qualquer sinal de respeito e introduzem as armas de fogo em sua prática. Se o malandro se remete aos outros com respeito e preza pela ordem social, o bandido preocupa-se exclusivamente com o seu bem-estar, denotando uma postura extremamente individualista - criticada nos relatos que constam no trabalho de Zaluar. Segundo os entrevistados, os bandidos não têm uma ideologia coletiva, não são "reformistas" (nas palavras da autora). Eles apenas

levam a diante uma revolta individual para se inserirem no mercado consumidor.

É interessante notar que a figura do malandro não seja mais tão comum na atualidade. O que aconteceu com os famosos homens que transitavam pela Lapa com ternos engomados, sapatos engraxados e, o que mais nos importa no presente trabalho, a preocupação em manter a ordem e o respeito? Este exemplo coloca remete-nos à questão apontada por Zaluar: está na esteira da crise moral e social que perpassa diferentes setores e camadas sociais. A autora faz ainda uma constatação digna de nota junto aos moradores com os quais estabeleceu um convívio durante alguns anos. Estes moradores sustentavam que a mãe é a principal responsável pela transmissão dos valores. A figura feminina tem a incumbência de educar as crianças, ocupando um papel bastante definido na constituição familiar dos pobres favelados. Entretanto, com a crise econômica da família, a mulher teve que sair de casa para trabalhar. **5**

O pai, que antes ocupava o papel de provedor da casa, agora fica sem um papel nitidamente definido, ao passo que a mãe, além de complementar a renda da família, conserva o papel de educadora. Zaluar aponta então certa desorganização, com a diminuição da figura masculina e expansão do papel feminino.

Encontrar malandros, considerados os "verdadeiros homens" que sabiam tratar uma mulher com o devido respeito, e famílias cuja renda seja proveniente exclusivamente do trabalho dos homens parece ser um trabalho árduo nos tempos atuais. Muito mais fácil é esbarrar com os chamados bandidos e com as famílias monoparentais, em especial de mulheres com filhos **6**, o que "têm alimentado o mito da desorganização familiar entre os pobres" (ibid, p. 320).

A mão aleijada: cadê o "pai de todos"?

No que diz respeito ao papel do Estado, Zaluar denuncia, ao longo do percurso histórico das favelas que reconstitui, uma postura assistencialista que objetivava "promover a elevação cultural e moral" dos favelados. Ora, almejava-se então aniquilar a cultura que era inerente às classes populares, obnubilando manifestações artísticas e políticas que jazem sob os projetos estatais da urbanização das favelas.

Se anteriormente a pobreza era entendida como privação experimentada em vida - um discurso perpassado por uma ideologia religiosa -, agora os valores religiosos parecem enfraquecidos e o Estado é visto como o principal responsável pela pobreza. Não só os pobres o culpam por sua pobreza, como esperam que o mesmo assegure a assistência necessária para que haja melhorias em sua vida (ZALUAR, 2000).

Azeredo (2003) aborda a questão do caráter na contemporaneidade, aventando a possibilidade de os sujeitos contemporâneos julgarem-se como exceções.

"Vimos Freud universalizar o desejo de ser uma exceção, sendo necessário, porém, um passo a mais para que se passe a agir em nome desse direito. Trata-se do direito de ser uma exceção em relação à castração, que é o que em psicanálise representa o princípio a realidade. A castração é a lei do pai e, como podemos ver em 'Totem e Tabu', de Freud, bem como em todo o primeiro ensino de Lacan, o pai é o lugar da exceção" (p. 174).

Esse tipo de caráter parece evidenciar certa refratariedade ao sentimento de culpa. O sujeito não se sente culpado, ao contrário, o Outro **7** tem a culpa e deve beneficiá-lo por isso. Se o sujeito se julga lesado por algo deve cobrar um ressarcimento do Outro que lhe lesou. O tipo de caráter em pauta acaba trazendo à baila as conseqüências do advento do individualismo, nos diz Azeredo, "ou ao menos (podemos) dizer que há um avanço deste tipo com o avanço do individualismo" (2003, p. 177). O autor mostra como a autoridade patriarcal - característica do modelo edípico de sujeito - começou a ser questionada na modernidade, revelando efeitos importantes na contemporaneidade:

"O direito à exceção no tempo de Freud era prerrogativa do pai, assim, qualquer um que também quisesse para si esse direito estaria se opondo à lei, à castração e seria, conseqüentemente, encarado negativamente. A lei do pai deveria ser internalizada e, quanto mais o sujeito se afastava disso, mais ele era tomado enquanto degenerado, imoral ou infantil. Com o declínio da função paterna não podemos mais sustentar uma perspectiva negativizante como esta" (ibid, p. 178-179).

O trecho supracitado permite-nos inferir que o sujeito contemporâneo se julga com direitos que devem ser atendidos - de imediato -, questionando a autoridade simbólica sem se sentir culpado por isso. Numa perspectiva freudiana seria possível julgá-lo como imoral, ou mesmo perverso. As relações contemporâneas expressam um tipo de configuração subjetiva que apontariam talvez para uma sociedade de perversos e imorais se a nosografia freudiana não fosse relativizada.

A pesquisa de Zaluar enfatiza como os moradores da Cidade de Deus culpam o Estado pela falta de garantia de seus direitos básicos, esperando que os políticos ocupem o lugar que deixou de ser preenchido pelo Estado. A crise apontada pela autora também se reflete no papel do Estado. Irrefutavelmente há uma "transferência de responsabilidades do Estado (tradicionalmente paternalista) para a comunidade e a família" (GOLDANI, 1994, p. 304), refletindo a incapacidade do sistema para satisfazer as demandas da população. Fruto da ênfase no neo-liberalismo, as iniciativas pessoais e privadas são cada vez mais incentivadas e valorizadas. Mas se por um lado o Estado não consegue atender às demandas populacionais, a família também denuncia uma crise em seu cerne:

"A família, ao mesmo tempo em que continua sendo vista como a instituição de maior confiabilidade passa a ser percebida, também, pela opinião pública, como uma instituição em decadência, e incapaz de seguir oferecendo o suporte afetivo e material desejado e necessitado pelos seus membros. As especulações sobre a precariedade e instabilidade da instituição familiar são reforçadas pela incapacidade do Estado em prestar os serviços sociais básicos às famílias carentes e seus dependentes" (ibid, p. 328).

Por considerar que as letras de músicas constituem um importante instrumento para a investigação da trama social, revelando as relações estabelecidas entre os sujeitos, suas opiniões e demandas, estão serão utilizadas a seguir.

Diga-me o que cantas e te direi quem és

Para circunscrever a temática da submissão a uma autoridade simbólica, tal qual o sujeito freudiano, e o movimento mais recente de questionamento das autoridades e fragilidade da moralidade, serão expostos versos de compositores brasileiros.

Serão utilizadas músicas cantadas por Bezerra da Silva, um dos maiores representantes, quiçá o maior, da malandragem carioca, falecido em 2005. O cantor sempre apareceu como bastante popular, utilizando gírias e bordões que marcaram uma geração. Bezerra nasceu em 1937 e foi criado no morro do Cantagalo, na Zona Sul carioca. Ele sempre se mostrou polêmico, defendendo suas ideologias. Foi acusado de ser comunista e às acusações respondeu: "Pelo que sei agora, comunistas são os que divulgam os ideais de Lênin e Marx. Homens que não exploram outros homens. Ótimo. O que eu acho é que é muita petulância alguém no Brasil dizer que é comunista". Essa fala denota uma preocupação com a coletividade própria dos malandros. O questionamento do sistema, do poder público, está presente em suas canções, mas estas expõem a importância dos valores morais, como esta que pede que o juiz pense melhor antes de dar uma sentença:

"Meu bom doutor,
O morro é pobre e a pobreza não é vista com franqueza
Nos olhos desse pessoal intelectual
Mas quando alguém se inclina com vontade
Em prol da comunidade
Jamais será marginal". **8**
(Meu Bom Juiz - Beto sem braço/Serginho Meriti)

Conforme o supradito, as letras das músicas interpretadas por Bezerra da Silva têm forte conotação política, clamando por justiça social e denunciando os "manés", em oposição aos malandros. Na esteira da luta contra o preconceito que atinge os moradores das favelas, Bezerra da Silva denuncia a corrupção e a desigualdade social:

"Falar a verdade é crime
Porém eu assumo o que vou dizer
Como posso ser ladrão
Se eu não tenho nem o que comer
Não tenho curso superior
Nem o meu nome eu sei assinar
Onde foi que se viu um pobre favelado
Com passaporte para poder roubar".
(Vítimas da sociedade - Bezerra da Silva/Crioulo Doido)

No que diz respeito à culpa que pode ser sentida pelo sujeito, Bezerra a expressa com ironia e criatividade numa famosa canção em que conta a história de um ladrão que se arrependeu de tentar assaltar uma casa de pobre:

"O ladrão foi lá em casa quase morreu do coração, já pensou se o gato não tem um infarto malandro, e morre no meu barracão...
Eu não tenho nada de luxo que possa agradar o ladrão, é só uma Cadeira quebrada, um jornal que é meu colchão, eu tenho uma Panela de barro e dois tijolos como um fogão...
O ladrão ficou maluco com tanta miséria em cima de um cristão,
Que saiu gritando pela rua pega eu que eu sou ladrão".
(Pega eu - Bezerra da Silva)

Esse trecho mostra a culpa do sujeito ao tentar assaltar um de seus pares, alguém igualmente pobre. A culpa não é do Outro, mas do próprio sujeito que inclusive pede para ser punido diante de sua atitude.

Se Bezerra da Silva pode ser tomado para exemplificar o sujeito moderno, Marcelo D2, ao contrário, é aqui tomado como representante de uma geração perpassada por outros valores - que será chamada de "nova malandragem" -, características da sociedade contemporânea. Nascido em 1967, em São Cristóvão, vocalista da extinta Planet Hemp, MD2 - como gosta de ser chamado - saiu do circuito alternativo de bandas para "ganhar a mídia". O Planet Hemp levantava a problemática do uso da maconha e sua legalização. Tidos como desordeiros, suas letras questionavam a alienação e a submissão à determinadas regras, sendo que suas apresentações sempre terminavam com brigas e confusões ⁹. Os confrontos com a polícia eram freqüentes na história do Planet Hemp, sendo que muitas letras foram compostas denunciando a violência policial com os usuários de drogas.

Se a carreira de Marcelo D2 começou com a luta pela legalização da maconha, esse ideal parece ter sido dissolvido quando o vocalista começou a fazer mais sucesso em outros espaços, como em programas de TV de evidência. As letras de MD2 expressam como o sujeito não se sente culpado, mas culpa o Outro. Ademais, mostra as transgressões às leis qualquer constrangimento ou arrependimento:

"No Andaraí, Grajaú o bicho pegava mais
Quando pichava muro

Sempre tinha um correndo atrás
Carlos Peixe, meu camarada
De vez em quando no piche, outras na baforada".
(1967 - Marcelo D2)

A letra de Marcelo D2 demonstra que parece não haver problema em saquear e "dar calote". O importante é se divertir e "fazer barulho", expressão utilizada corriqueiramente por Marcelo D2 em seus shows. Mas os saques aos quais D2 faz alusão não se parecem em nada com os saques levados a cabo por moradores da Cidade de Deus na década de 80. Estes diziam saquear os supermercados porque não tinham o que comer e por uma ideologia, ao contrário dos bandidos, como nos mostra Zaluar (2000). Marcelo D2, ao contrário, diz ter saqueado para "curtir" por mais tempo a sua praia:

"Vida de moleque sempre sangue bom
Calote no ônibus
Pra ir à praia no verão
Pra ficar um pouco mais
Roubava no supermercado
Pra mim isso nunca foi pecado".
(1967 - Marcelo D2)

"Nunca foi pecado"! Discurso que revela um pensamento que não se propõe a respeitar as autoridades, sejam as que respondem pelo Estado, religiosas ou familiares; muito diferente daquele sustentado por antigos malandros.

Freud não explica? Então vai "pentear macaco"!

"Eu fui fazer um samba em homenagem
à nata da malandragem que conheço de outros carnavais.
Eu fui à Lapa e perdi a viagem,
que aquela tal malandragem não existe mais".
(Chico Buarque - Homenagem ao malandro)

A figura do malandro parece estar inserida no cenário freudiano: sujeitos preocupados com a ordem, com o respeito mútuo, carregados de um sentimento de culpa que preconiza inclusive que haja punição, se necessário. Os malandros, conforme fica explícito pelos ideais sustentados por Bezerra da Silva, reivindicam uma situação melhor, questionando autoridades. Entretanto, esse movimento não chega a denunciar uma culpa do Outro, mas um remetimento à autoridade que clama para que a justiça seja feita.

Já o "novo malandro", representado nesse trabalho por músicas de Marcelo D2, não se submete à autoridade simbólica daquela maneira, podendo indicar outra forma de se remeter ao Outro. Parece não ser mais possível pensar o

sujeito exclusivamente numa perspectiva edípica, consoante com a época de Freud:

"... essa ordem fálica, patriarcal e edípica começou a ser questionada de um modo generalizado na modernidade. Hoje, na contemporaneidade, recolhemos os efeitos das oposições que foram feitas ao pai como lugar de exceção. O pai enquanto representante do autoritarismo foi tão questionado e combatido como os governos totalitários". (AZEREDO, 2003).

O autor sinaliza como as transformações culturais, como o movimento feminista e tantos outros reivindicatórios de minorias, marcam uma considerável distância entre a época freudiana e a nossa, que não nos permite mais negativizar todo aquele que se opõe à lei. Azeredo (2003) mostra como o Outro vai sendo cada vez mais "esvaziado de sua consistência". O Outro aparece como aquele que lesou o sujeito, é culpado, e deve ser cobrado por isso. O sujeito exige que suas reivindicações sejam atendidas, julgando-se como uma exceção. O direito à exceção é radicalizado na contemporaneidade, o que promove abalos na "ordem fálica, patriarcal e edípica". A "nova malandragem" está em franco avanço, convidando-nos a repensar o modelo edípico de sujeito.

Se o pai "tá pagando mico"? Trata-se do pai de um malandro ou de um "mané"? A consideração da trama social e da época em que vivem os sujeitos parece-nos fundamental. Afinal de contas, onde estão os malandros? Chico Buarque parece ter perdido a viagem à Lapa na tentativa de reencontrar os antigos malandros, resta-nos indagar se continuaremos saudosistas "perdendo viagens" ou nos perguntaremos quais as conseqüências da "nova malandragem" e em que implicações acarretam para o estudo da subjetividade.

Autora

Fernanda Canavéz

canavez@click21.com.br

Psicóloga. Pesquisadora da linha de pesquisa intitulada "A pobreza como direito à exceção", coordenada pelo Dr. Fabio Azeredo. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica - UFRJ.

Notas

1 Para maiores informações consultar BIRMAN, J. (2001) Mal-estar na Atualidade: A Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; COELHO DOS SANTOS, T. (2001). Quem precisa de análise hoje? O Discurso Analítico: Novos Sintomas e Novos Laços Sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; HERZOG, R. (2004) O Laço Social na Contemporaneidade. In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. VII, nº 3, ISSN 1415-4714, São Paulo, pp. 40-55,

setembro.

2 Definição utilizada pelo psicanalista francês Marie-Jean Sauret (2005) em palestra proferida no Simpósio Nacional de Psicanálise e Psicoterapia no Campo da Saúde Mental, realizado pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

3 Verso de uma das músicas interpretadas por Bezerra da Silva (Malandro é malandro e mané é mané - Neguinho da Beija-Flor).

4 Pesquisa realizada para a tese de doutorado em Antropologia da autora. Para maiores detalhes consultar: ZALUAR, A. (2000) A Máquina e a Revolta: Organizações Populares e o Significado da Pobreza. São Paulo: Braziliense.

5 "Na região metropolitana mais rica do país, a Grande São Paulo, quase dois terços das famílias existentes em 1981 não podiam contar exclusivamente com seus chefes para a sobrevivência cotidiana, quer pela insuficiência de seus salários (39%) quer pelo desemprego (5%) ou inatividade (20%) devida, sobretudo, à invalidez, doença ou aposentadoria (...) Estes resultados gerais sugerem o quão importante o trabalho das mulheres e dos filhos passa a ser para a sobrevivência familiar e colocam em questão o modelo familiar estruturado em torno da figura do chefe provedor" (GOLDANI, 1994, p. 305).

6 "Quando se comparam as famílias monoparentais chefiadas por mulheres com a média das famílias nas áreas metropolitanas do país em 1989, se observa que 33% das famílias com mulheres sem cônjuge e com filhos estavam abaixo da linha de pobreza, comparado com 23% do total das famílias brasileiras residentes nas áreas metropolitanas que se encontravam nestas condições" (GOLDANI, 1994, p.320).

7 "... nos primeiros trabalhos de Lacan, o sujeito é essencialmente uma relação com a ordem simbólica, isto é, a postura que uma pessoa adota com relação ao Outro como linguagem ou lei". (FINK, 1998, p. 31). Neste trabalho utilizaremos o Outro, conforme a acepção lacaniana. As músicas foram retiradas do site www.lettras.terra.com.br

8 Em novembro de 1997 os músicos do Planet Hemp foram presos em Brasília. Na mesma época a Polícia Civil do Rio de Janeiro abriu inquérito para tentar proibir o site da banda na internet. Em turnê pelo Nordeste, muitos de seus shows foram proibidos (fonte: www.trombeta.cafemusic.com.br).

Bibliografia

AZEREDO, F. (2003) Caráter e contemporaneidade. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BAUMAN, Z. (1998) O Mal-estar na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (2003) Amor líquido: sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BIRMAN, J. (2000) A Psicanálise e a Crítica da Modernidade. In: A Psicanálise e o Pensamento Moderno (org. HERZOG, R.).

_____ (2001) Mal-estar na Atualidade: A Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ENRIQUEZ, E. (1990) Da Horda ao Estado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FINK, B. (1998) O Sujeito Lacaniano: entre a Linguagem e o Gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1974:(1913) Totem e Tabu, vol. XIII. (1929) O Mal-estar na Civilização, vol. XXI.

GOLDANI, A. (1994) Retratos de Família em Tempos de Crise. In: Estudos Feministas. Rio de Janeiro: CIEC - ECO UFRJ, pp. 303-335, 2º sem. 2004.

HERZOG, R. (2003) O Estatuto da Bindung na Contemporaneidade. In: Interações - estudos e pesquisas em psicologia, vol. VIII, nº 16 1413-2907, São Paulo, pp. 35-55, jul/dez.

_____ (2004) O Laço Social na Contemporaneidade. In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. VII, nº 3, ISSN 1415-4714, São Paulo, pp. 40-55, setembro.

ZALUAR, A. (2000) A Máquina e a Revolta: as Organizações Populares e o Significado da Pobreza. São Paulo: Braziliense.